

# Um Chamado à Racionalidade Cristã

W. Gary Crampton

Traduzido por: Felipe Sabino de Araújo Neto / [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com)

Nós vivemos em dias quando o sermão do Apóstolo Paulo na colina de Marte, aos filósofos do primeiro século, com respeito à adoração de um deus desconhecido (*Atos 17*), é muito relevante. Nossa era está inundada no irracionalismo; ela pode até mesmo ser chamada de a “era do irracionalismo”. E muitos nos círculos alegadamente cristãos estão expondo uma teologia irracional em nome de Cristo. Coisas sem sentido, como C. S. Lewis uma vez predisse, estão espalhadas por todo lugar. Há 23 anos John Robbins avaliou corretamente a situação:

Não há maior ameaça confrontando a igreja de Cristo nesse momento do que o irracionalismo que agora controla toda a nossa cultura. [O Totalitarismo], culpado por milhares de milhões de assassinatos, incluindo aqueles de milhões de cristãos, deve ser temido, mas nem de perto tanto quanto a idéia de que não conhecemos e não podemos conhecer a verdade. O Hedonismo, a filosofia popular da América, não deve ser temida tanto quanto a idéia de que a lógica – “a mera lógica humana”, para usar a própria frases dos irracionalistas religiosos – é fútil. <sup>1</sup>

Como chegamos onde estamos? Como o irracionalismo se tornou tão predominante, até menos nos círculos alegadamente cristãos? Isso não aconteceu da noite para o dia. O fracasso do Racionalismo do século dezessete e o questionamento de Galileu (1564-1642) da posição oficial da Igreja-Estado Romana sobre a geocentricidade fomentou um espírito de ceticismo. Em quem devemos crer sobre esse assunto – na Igreja-Estado Romana ou em Galileu (ciência)? Como sabemos? Há verdadeiramente um Deus que criou todas as coisas? Se sim, como podemos estar certos? David Hume (1711-1776) deu um passo nesse debate.

Sendo um empirista, Hume negou que a razão alguma vez nos desse conhecimento do mundo exterior, incluindo Deus. Mas ele também mostrou, talvez relutantemente, que a experiência sensorial também não pode fornecer tal conhecimento. A observação não é confiável. Os relacionamentos causais nunca são observados. Nem podemos conhecer a realidade contínua do eu, pois não temos nenhuma experiência dela. E,

---

<sup>1</sup> John W. Robbins, “The Trinity Manifesto,” 1978.

certamente, nenhuma experiência pode alguma vez provar que o Deus da Escritura existe.

David Hume criou o que Ronald Nash chamou de “Lacuna”. “A Lacuna de Hume”, escreveu Nash, “é a rejeição da possibilidade de um conhecimento racional de Deus e da verdade religiosa objetiva”.<sup>2</sup> De acordo com Hume, o homem não pode ter nenhum conhecimento do transcendente. Qualquer crença em Deus, portanto, deve ser irracional. Conhecimento e fé não têm nada em comum.

Immanuel Kant (1724-1804) reconheceu que a leitura de David Hume o despertou de seus “sonos dogmáticos”. Kant tentou ir além do racionalismo e empirismo reivindicando que todo conhecimento humano começa com a experiência sensorial (conteúdo), mas em si mesma, a experiência sensorial não é suficiente para nos fornecer conhecimento. O conteúdo precisa de uma forma ou *estrutura*. Kant ensinou que essa forma é fornecida pela mente, em categorias *apriori* de entendimento. Mas visto que os homens nunca podem conhecer o que não pode ser primeiramente experimentado, o conhecimento não pode se estender além do mundo dos fenômenos. O mundo real, “o mundo noumenal” de Kant, “as coisas em si mesmas” antes do que “as coisas como elas parecem”, portanto, nunca pode ser conhecido. Assim, Kant construiu uma “parede” entre o imanente e o transcendente, e Deus é incognoscível.<sup>3</sup>

É irônico que Kant cria que esse agnosticismo era uma ajuda ao Cristianismo. Ele tinha “negado o conhecimento para deixar um lugar para a fé”. A crença em Deus ainda era possível, mas não sobre fundamentos racionais. Como Hume antes dele, em Kant não há nada em comum entre a fé cristã e o conhecimento.<sup>4</sup>

G. W. F. Hegel (1770-1831) tentou corrigir os erros de Kant. Enquanto Kant afirmava com certeza que o mundo real não podia ser conhecido, Hegel apontou o absurdo de afirmar o incognoscível. Ele construiu um sistema de Idealismo no qual a unidade e a pluralidade são racionalmente misturadas. Para Hegel, “o real é o racional e o racional é o real”. Todas as coisas, pessoas e objetos, participam na Mente ou Espírito Absoluto (*Geist*). Pensamento e ser, essência e existência, são uma e a mesma coisa. Como Hegel a desenvolveu, sua filosofia é uma

<sup>2</sup> Ronald H. Nash, *The Word of God and the Mind of Man* (Grand Rapids: Zondervan, 1982), 22. O Dr. Robbins usou essa frase em seu livro *Answer to Ayn Rand*, publicado em 1974, para se referir à lacuna entre o que “é” e o que “deve” ser pela qual Hume destruiu todas as teorias da lei moral natural, secular e religiosa. (Veja página 136.) Talvez outros escritores usem a frase com outros sentidos.

<sup>3</sup> Gordon H. Clark, *Thales to Dewey* (The Trinity Foundation, 2000), 309-328.

<sup>4</sup> Nash, *The Word of God and the Mind of Man*, 25-28.

forma de panteísmo. E na filosofia panteísta de Hegel, um problema existe. Uma pessoa não pode conhecer algo sem conhecer tudo; “a verdade é o todo”. Mas visto que não conhecemos tudo, não conhecemos nada. Uma vez mais, somos deixados num estado de ceticismo. Hegel não pode justificar o conhecimento. <sup>5</sup>

Soren Kierkegaard (1813-1855), como Karl Marx, outro irracionalista, foi um estudante de Hegel. Ele reagiu fortemente contra o Sistema do seu professor. A realidade, disse Kierkegaard, não pode ser obtida pela razão. O real não é o racional. A verdade não é algo que pode ser ensinado; ela não pode ser comunicada de um modo racional. A verdade não existe na forma de proposições; ela é interior e puramente subjetiva. Se alguém há de conhecer o real, ela deve agarrá-lo por meio de um “salto de fé”. Isto é, ela deve se comprometer com o que é irracional. Para Kierkegaard, fé e razão são mutuamente excludentes. Conhecimento é pessoal e passional; ele é anti-intelectual. Deus e a verdade existem somente para alguém que salta. <sup>6</sup>

A irracionalidade também passou para o reino da teologia através dos liberais Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e Albrecht Ritschl (1822-1889), ambos dos quais rejeitaram a idéia da transcendência de Deus. Deus, eles declararam, é exclusivamente imanente. E sendo totalmente imanente, Deus é incapaz de falar a verdade divina ao homem. Por conseguinte, tanto Schleiermacher como Ritschl rejeitaram a teologia revelada e a primazia do intelecto.

Schleiermacher, algumas vezes chamado o pai do liberalismo, ensinou que a essência da religião deve ser encontrada, não no conhecimento, mas na experiência: o “sentimento de dependência absoluta”. Para Schleiermacher, Deus é incognoscível para a mente humana. Para encontrar Deus uma pessoa deve olhar para dentro de si e experimentá-lo [a Deus]. Ritschl, por outro lado, declarou que a essência da verdadeira religião é a ética. Um sistema de verdade proposicional é inalcançável. O Cristianismo precisa reconhecer que todo conhecimento tem a ver com julgamentos de valores e decisões éticas. <sup>7</sup>

Todos esses teólogos imanentistas negaram um padrão infalível pelo qual devemos julgar todas as coisas. Ao rejeitar a revelação proposicional divina da Sagrada Escritura, eles cortaram a jugular do teísmo cristão. O homem é deixado sem uma base epistêmica. Como alguém sabe o que ele

---

<sup>5</sup> Gordon H. Clark, *Religion, Reason, and Revelation* (The Trinity Foundation, 1995), 63-68.

<sup>6</sup> Clark, *Thales to Dewey*, 377-382.

<sup>7</sup> Colin Brown, *Philosophy & the Christian Faith* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1968), 108-116, 154-155.

deve “sentir”? Qual é o padrão de “ética” pela qual o homem deve viver? Schleiermacher e Ritschl deixaram os homens sem respostas. Mas para a mentalidade irracional, isso não é um problema. Em tal anti-sistema, o que isso importa?

No século vinte, o teólogo sueco neo-ortodoxo Karl Barth (1886-1968) condenou o imanentismo de Schleiermacher e Ritschl como uma negação da fé cristã. Barth ensinou a transcendência divina de Deus, à exclusão da sua imanência. De acordo com Barth, Deus é tão transcendente que ele é “totalmente outro”. O teólogo sueco foi até o ponto de negar não somente a teologia natural, mas a revelação geral também. Deus pode ser conhecido somente através da sua auto-revelação.<sup>8</sup>

Mas para Barth, e Emil Brunner (1889-1966) também, a auto-revelação de Deus não deve ser encontrada nas declarações proposicionais da Escritura. Na neo-ortodoxia, a revelação é não-proposicional. A revelação é um evento; ela é um encontro; é algo que acontece. A revelação não é objetiva; ela é subjetiva.

De acordo com Barth e Brunner, a Bíblia não é a Palavra de Deus no sentido usual do termo; nem ela contém a Palavra de Deus. Antes, a Bíblia é um livro que é cheio de erros. Ela contém erros de fatos, doutrinas e lógica. A Bíblia é meramente um indicador para a Palavra, que é Jesus Cristo. Cristo é a única revelação verdadeira de Deus ao homem. A Bíblia, então, aponta para Cristo. E quando Deus faz a si mesmo conhecido ao homem através do testemunho bíblico falível, então o “evento Cristo” ocorre. A comunicação da verdade ocorre somente no encontro pessoal divino-humano.<sup>9</sup>

Lamentavelmente, o irracionalismo tem afetado grandemente a igreja visível. O movimento carismático é apenas um exemplo disso. A primazia do intelecto e da verdade têm sido substituída pelo emocionalismo, pelas expressões estáticas, experiências incoerentes e declarações anti-doutrinárias (por exemplo, “dê-me Jesus, não exegese”). A fé não tem nada a ver com pensamento, muito menos com lógica. Com muita frequência encontramos o que Ronald Nash chama de “a revolta religiosa contra a lógica”.<sup>10</sup> Agostinho tinha reivindicado que Deus pensa logicamente, e que a lógica foi divinamente ordenada para ser confiada e usada pelo homem, como portador da imagem de Deus,

<sup>8</sup> Veja Gordon H. Clark, *Karl Barth's Theological Method* (The Trinity Foundation, 1997).

<sup>9</sup> Robert L. Reymond, *Introductory Studies in Contemporary Theology* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1968), 91-153.

<sup>10</sup> Nash, *The Word of God and the Mind of Man*, 91-101.

mas muito do alegado “evangelicalismo” dos dias modernos se opõem a isso. Não devemos confiar na lógica. Cornelius Van Til (1895-1987) é um exemplo de tais pensadores. Van Til mantinha que não há nenhum ponto no qual a lógica e o conhecimento do homem são os mesmos que o de Deus. Devido à falta de um ponto de contato, o paradoxo lógico deve existir na Escritura.<sup>11</sup> Van Til foi mais adiante para dizer que “todo ensino da Escritura é aparentemente contraditório”.<sup>12</sup> O pensamento irracional de Van Til abriu a porta para todos os tipos de erros teológicos e filosóficos nos círculos aparentemente Reformados.<sup>13</sup>

Donald Bloesch é um teólogo contemporâneo que tem tentado encontrar um terreno comum entre a neo-ortodoxia, por um lado, e a “ala direita” da ortodoxia, por outro lado. Ele reivindica ter uma visão muito alta da Escritura. Ele denuncia o liberalismo, por exemplo, e convida à uma teologia credal baseada na Sagrada Escritura. Ele insiste na primazia da Escritura sobre as “experiências religiosas”, e nega que os *Apócrifos* e a tradição da igreja tenham uma posição igual à da Bíblia. Mas embora Bloesch tente se remover do campo da neo-ortodoxia, seus escritos o denunciam. A sombra de Karl Barth se projeta grandemente sobre as páginas de suas obras. E um dos pontos no qual ele se encontra em concordância com Barth é em sua rejeição da confiabilidade da lógica. Por exemplo, Bloesch é rápido em discordar da crença de que a lógica humana é idêntica à lógica divina, isto é, que Deus pensa o silogismo Bárbara. O Dr. Bloesch diz que nunca devemos igualar os dois. Ele adverte abertamente contra “reduzir a mensagem da fé aos axiomas da lógica”.<sup>14</sup>

Gordon Clark corrigiu esse erro quando ele escreveu:

Para evitar esse irracionalismo... devemos insistir que a verdade é a mesma para Deus e o homem. Naturalmente, não podemos conhecer a verdade sobre alguns assuntos. Mas se conhecemos algo definitivamente, o que conhecemos deve ser idêntico ao que Deus conhece. Deus conhece a verdade, e a menos que conhecemos algo do que Deus conhece, nossas idéias não são verdadeiras. É

---

<sup>11</sup> Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1998), 95-110.

<sup>12</sup> Citado em John W. Robbins, *Cornelius Van Til: The Man and the Myth* (The Trinity Foundation, 1986), 25; veja também W. Gary Crampton, “Why I Am Not a Van Tilian,” *The Trinity Review*, Setembro de 1993.

<sup>13</sup> Veja John W. Robbins. “Marstonian Mysticism,” *The Trinity Review*, January/February 1980, re-impresso em *Against the World*, The Trinity Foundation, 1996.

<sup>14</sup> Donald G. Bloesch, *Holy Scripture: Revelation, Inspiration, & Interpretation* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1994), 121, 293, 298; veja W. Gary Crampton, “The Neo-orthodoxy of Donald Bloesch,” *The Trinity Review*, August 1995.

absolutamente essencial, portanto, insistir que há uma área de coincidência entre a mente de Deus e a mente do homem.<sup>15</sup>

O Dr. Clark não estava negando que haja uma diferença no grau de conhecimento de Deus e o conhecimento do homem. Deus sempre conhece mais proposições que o homem. O que Dr. Clark afirma é que há um ponto onde o conhecimento de Deus e o conhecimento do homem são idênticos. Deve haver um ponto no qual a mente do homem coincide com a mente de Deus. Sem isso, o homem nunca pode conhecer nenhuma verdade.

A Lacuna de Hume reaparece na filosofia de Herman Dooyeweerd (1894-1977) e em vários de seus seguidores (o grupo de Filosofia de Amsterdã). Esses filósofos enfatizam a transcendência de Deus ao ponto de erigir um “limite” que existe entre Deus e o homem. As leis da lógica são válidas somente do lado do homem de tal limite.<sup>16</sup> Se houvesse tal limite Dooyeweerdiano, certamente, Deus nunca revelaria algo às suas criaturas, e o homem nunca poderia conhecer algo sobre Deus, incluindo a noção do limite. Dooyeweerd influenciou Van Til grandemente, e através de Van Til, seus muitos discípulos.

Outro teólogo contemporâneo do irracionalismo é John Frame, anteriormente do Seminário de Westminster, agora do Seminário Reformado em Orlando, Flórida. O professor Frame quer que creiamos que a “Escritura, por boas razões de Deus, é frequentemente vaga”. Portanto, escreve Frame, “não há nenhuma forma de escapar da imprecisão na teologia”. Ele continua:

A Escritura não demanda precisão absoluta de nós, uma precisão impossível para criaturas... De fato, a Escritura reconhece que por causa da comunicação, a imprecisão é frequentemente preferível à precisão... Nem é a teologia uma tentativa de declarar a verdade sem qualquer influência subjetiva sobre a formulação. Tal “objetividade”, como a “precisão absoluta”, é impossível e não seria desejável, mesmo que pudesse ser alcançada.<sup>17</sup>

Aparentemente, a teologia clara e precisa é uma perspectiva que o “perspectivalismo” do professor Frame não pode acomodar. Mas é verdade que a “Escritura, por boas razões de Deus, é frequentemente

<sup>15</sup> Gordon H. Clark, *An Introduction to Christian Philosophy* (The Trinity Foundation, 1993), 76-77.

<sup>16</sup> Nash, *The Word of God and the Mind of Man*, 96-99.

<sup>17</sup> John M. Frame, *The Doctrine of the Knowledge of God* (Phillipsburg: Presbyterian and Reformed, 1987), 226, 307. Esses pensamentos são ecoados pelo Professor Vern Poythress do Seminário de Westminster, e os comentários de Clark sobre eles podem ser encontrados em *Clark Speaks from the Grave*, The Trinity Foundation, 1986.

vaga”? Não segundo a ortodoxia Reformada, que sustenta a perspicuidade ou clareza da Escritura. A *Confissão de Fé de Westminster* (1:7) afirma isso da seguinte forma:

Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.

Todas as coisas na Escritura são igualmente claras para todos, diz a *Confissão*, mas ela nunca afirma que elas são vagas, imprecisas ou confusas. Ela diz que diferentes leitores serão perturbados por algumas coisas que outros leitores acharão ser claras. O problema está em nosso entendimento, não na Escritura.

Imprecisão na teologia, que é o que Frame está defendendo, não é algo para ser aplaudido. A obscuridade não é uma virtude. Deus não é o autor de confusão (1 *Coríntios* 14:33). Ele não nos fala em declarações vagas, ilógicas e paradoxais, com a escola Van Tiliana afirma. Ele se revela a nós em declarações racionais e proposicionais que podem ser entendidas. A Bíblia é uma revelação divina que Deus pretende que entendamos. Obviamente, se ela não pode ser entendida, se não podemos entendê-la, então ela não é uma revelação. Mas Davi escreve: “O mandamento do Senhor é puro, e ilumina os olhos” (Salmos 19:8). João escreve: “E sabemos que já o Filho de Deus é vindo, e nos deu entendimento para conhecermos o que é verdadeiro” (1 *João* 5:20). O salmista sabe mais do que os seus mestres, mais do que os antigos, pois ele conhece a Palavra de Deus (*Salmos* 119:99-100). O Deus triuno da Escritura é o Deus da verdade: Pai (*Salmos* 31:5); Filho (*João* 14:6); e Espírito Santo (1 *João* 5:6). A Bíblia se refere à Cristo como a lógica, sabedoria e razão encarnada (*João* 1:1; 1 *Coríntios* 1:24, 30; *Colossians* 2:3). Lógica é a maneira como Deus pensa, e as leis da lógica são princípios eternos. Porque o homem é um portador da imagem de Deus, essas leis são parte do homem. Deve haver, então, um ponto de contato entre a lógica (e conhecimento) de Deus e a do homem.

Carl Henry escreveu:

A insistência sobre um abismo lógico entre os conceitos humanos e Deus como o objeto do conhecimento religioso é erosivo para o conhecimento e não pode escapar de uma redução ao ceticismo.

Conceitos que por definição são inadequados para a verdade de Deus não podem compensar a deficiência lógica apelando à onipotência de Deus ou à sua graça. Nem o fará uma reestruturação da lógica em interesse do conhecimento de Deus. Quem quer que reivindique uma lógica mais alta deve preservar as leis existentes da lógica para escapar de pleitear a causa do absurdo ilógico. <sup>18</sup>

O que estou pleiteando é por um retorno à racionalidade cristã de Agostinho, Calvino, Clark e o melhor dos Puritanos. Tal sistema não exalta a mente humana como autônoma; antes, ele afirma a revelação bíblica como axiomática. A revelação divina da Sagrada Escritura é uma revelação racional. Ela é internamente auto-consistente. Ela não é contraditória nem paradoxal. A racionalidade cristã argumenta a partir da revelação, não para ela ou aparte dela. A fé cristã é intelectualmente defensível. De fato, como John Robbins declarou, “ela é o único sistema de pensamento intelectualmente defensível”, <sup>19</sup> pois o Deus da Escritura “tornou louca a sabedoria deste mundo” (1 *Coríntios* 1:20).

---

<sup>18</sup> Cited in Nash, *The Word of God and the Mind of Man*, 95.

<sup>19</sup> John W. Robbins, “The Trinity Manifesto,” 1978.